

ESCRITA POÉTICA COMO ESCRITA PARA A ARTE E POSSIBILIDADES DO REGISTRO EM PERFORMANCE

Mariana Brites – UnB

Maria Beatriz de Medeiros – UnB

RESUMO: Cruzamento de percepções entre texto (poesia), performance e registro, sendo texto aqui pensado como autoria única e compartilhada. Foi analisada a performance *Pelos Pêlos* da dupla *Tete-a-Tete*. Como poderia a palavra registrar a ação? O texto criado a partir de uma vivência compartilhada na rua é mergulhado nas próprias reflexões a partir da ação. Cada relato textual é diferente, o texto se constrói junto à forma de agir e ao pensar de quem o escreve. A personalidade e as sensações transbordam na possibilidade de transpor vivências para alargar horizontes também para os que não viveram o fato: através da imaginação literária.

Palavras-chave: Escrita poética, performance, registro

SOMMAIRE: *Croisement de perceptions entre le texte (poésie), performance et enregistrement: le texte ici pensé comme conçu par auteur unique et partagé. La performance Pelos Pêlos du duo Tete-a-Tete a été analysée. Comment pourrait le mot enregistrer l'action? Le texte créé depuis une expérience partagée dans la rue est plongé dans ses propres réflexions à partir de l'action. Chaque rapport textuelle est différent, le texte se construit auprès de l'action et du penser de celui que l'écrit. La personnalité et les sensations débordement dans la possibilité de transposer expériences pour élargir les horizons aussi bien pour ceux qui n'ont pas vécu la performance: à travers l'imagination littéraire.*

Mot-clés: *Écriture poétique, art, performance, enregistrement*

Pré-texto: sensações em primeira pessoa

Escrever é um salto, um desprendimento da necessidade de explicação. Como diria Manoel de Barros, a poesia é responsável também pelos não-acontecimentos. Escrever é deixar-se ir sem pauta, sem data. Como escrever para dizer o que não cabe mais e transborda. Ter um caderno ou pedaço de papel à mão também serve como proteção contra o tédio e como estimulante à reflexão e à imaginação.

Cada vez em que nos disponho a escrever sobre a escrita, escrevemos menos. Escrevemos menos e percebemos mais. A escrita deixa de escorrer para gotejar. Indagamos a escrita, já não teríamos falado tudo que podia? Teorizar sobre a escrita

talvez seja cortar-lhe as asas. Mas ao ver um texto novo sobre performance percebemos que escrever sobre escrever ainda é uma forte provocação criada em meio a letras, cartas, rabiscos, fotografias, poesias e relatos.

Mas, e na poesia, ainda cabem os fatos? E os registros?

Não se deseja o texto como limitador de vôos, portanto escrever é um fragmento de vida, das ações e das consequências da performance. O texto também nos convida aos testes e aos erros. A palavra vira imagem que também é som e tem texturas subjetivas na memória das pessoas, traz um peso histórico de organização que é preciso remexer. Navegar pelo desvio-padrão do texto: poesia.

“Se aceito julgar um texto segundo o prazer, não posso ser levado a dizer: este é bom, este é mau. Não há quadro de honra, não há crítica, pois esta implica sempre em um objetivo tático, um uso social e muitas vezes uma cobertura imaginária. Não posso dosar, imaginar que o texto seja perfectível, que está pronto a entrar num jogo de predicados normativos: é demasiado isto, não é bastante aquilo; o texto (o mesmo sucede com a voz que canta) só pode me arrancar este juízo, de modo algum adjetivo: é isso! E mais: é isto para mim!”
(BARTHES, 2010, p. 20)

Esse artigo busca um cruzamento de reflexões entre texto (poesia), performance e registro, sendo texto aqui pensado como autoria única e compartilhada. Foi analisada a performance *Pelos Pêlos* da dupla *Tete-a-Tete* (Mariana Brites e Alexandra Martins), em que duas performadoras se conectam por uma trança que parte dos pelos pubianos. Esta trança foi feita dentro da galeria que se configura como uma vitrine, na Casa da Cultura da América Latina – UnB, Brasília-DF. Depois de interligadas, as performadoras deixam a galeria, caminham e compõem com o Setor Comercial Sul por cerca uma hora. Caminham por quase de 2 quilômetros, atravessam ruas, passam por galerias superlotadas, na hora do almoço, loja de cosméticos, paradas de ônibus e shopping center. Durante o percurso são acompanhadas por cerca de cem pessoas que registram, filmam e publicam na rede mundial de computadores frenética e instantaneamente. Estas mesmas pessoas se mesclam com a equipe do evento Performance, Corpo, Políticaⁱ e criam uma malha afetiva de proteção popular para a ação, malha que funciona contra principalmente policiais e agressões físicas.

Essas percepções literárias são cruzadas no boca-a-boca, pelas notícias da internet, no susto e em compartilhamentos nas redes sociais. Todos esses tendo como ponto comum a percepção ou reação a partir de *Pêlos Pelos*. Com o vestígio das palavras captadas nesses meios, se reconstrói a experiência vivida, um corpo de texto composto por fragmentos de vários corpos.

Fotografias e vídeos são outros meios de registrar uma ação artística, mas imagens feitas pelos transeuntes, emissoras de televisão ou mídias independentes, documentos de polícia, textos e desenhos também desempenham esta função. Entretanto, acostumados no mundo pautado pelo poder da imagem, como aproximar essas outras ferramentas não audiovisuais como legitimadoras da performance?

Relatos e registro

A performance acontece na rua, sem impedimento algum e várias pessoas fazem registro a partir dos meios que dispõem. As sensações se transbordam nas palavras, é um relato e um registro ao mesmo tempo.

Um centro comercial em pleno funcionamento, meio dia. Corpos pelados estão expostos numa vitrine: duas mulheres. Uma terceira habilidosamente e carinhosamente começa a aplicar mais cabelos aos pelos pubianos, estendendo-os até que um seja capaz de se amarrar ao outro. A sala cheia de entulho, pela ação se assemelha também a uma sala de cirurgia. O processo está ali e é tudo. Muitas pessoas se aglomeram na porta dessa tal vitrine causando um congestionamento no fluxo de pedestres, uma curiosidade que vai sendo espalhada pelo centro comercial. Estão amarradas pelos pêlos. Encaram-se e se reconhecem nesse lugar onde dois corpos formam um corpo estranho, disposto a ocupar um espaço na rua. Saem da vitrine e já na porta presenciam a multidão que quase não acredita na inédita bizarrice que esta para acontecer ali. Como em um lance todos ligam seus celulares, máquinas e afins e começam a coletar imagens: do corpo e dos que desesperados de curiosidade o seguem pela rua. O corpo se veste pra ir pra rua, tenta se normalizar com as roupas, mas esse novo corpo não se mexe conforme os outros e sim de uma nova forma, não há roupa que lhe caiba. É feito somente de pele e pêlos. Ao caminhar pela rua, o corpo estranho, cria uma rede de afeto em uma caminhada com muitas pessoas. Está protegido por uma malha humana que protege de violências maiores que a curiosidade: ação policial ou abusadora. O corpo, que se comunica com todos por olhar, sente conforto e fica a vontade na rua. Sem vestes. Expondo a potencialidade da sua intimidade entre nudez e pelos embaraçados. Desenvolvem um jeito brincante e discreto pela

rua. Causam uma brecha no espaço cotidiano daquelas pessoas sem pedir licença. Exposição e cobertura dos corpos, um prolongamento visto através da roupa de pelos que não se sabe muito bem o que é.

- É de verdade? – perguntavam muitos

- Propaganda de xampu? Lâmina de barbear? – outros

Pelo caminho o corpo cruza uma parte da cidade, entra em lojas de cosméticos, shoppings e galeria de arte, anda no meio da rua e atravessa faixas de pedestres. Volta à vitrine. E voltam também os acompanhantes, ainda se olhando retiram as madeixas pubianas e a aplicam sobre um lençol que fica estendido por mais uma semana no mesmo lugar, gerando uma memória visual do fato. Um acontecimento: burburinho na cidade.

Passageiros que passam, param para ver as passantes dos pelos pubianos. Tentamos encarar essas pessoas que seguem, criar comunicação e afeto pelo olhar, mas percebemos que isso dificilmente vai acontecer. Durante a caminhada, repetimos cena da vitrine: Encaramos-nos, tiramos a roupa e assim ficamos por um tempo. O ritual de cumplicidade da nossa rede afetiva se repetiu outras vezes. Expor o corpo cru, sem roupa, sem badulaque nem laquê. O nosso do jeito que é! E como pode parecer estúpido certos comentários que escutamos e lemos posteriormente na internet. Mas ao mesmo tempo o estado da performance, o conhecimento próprio do meu corpo, me fez mais forte, resistindo na rua. Porque eu sou dela também, ocupo esse espaço. (relatos de BRITES, 2013).

Como poderia a palavra registrar a performance? Diferentemente da fotografia ou do vídeo, o texto traz consigo uma possibilidade ampliada de imaginação do acontecimento. O texto acima, por exemplo, é relato da performadora Brites. Esse foi criado a partir de uma vivência compartilhada de rua, é mergulhado em reflexões a partir da ação. Cada relato é diferente, insistente, demente de tão pessoal. O texto se constrói a-ante-até-após-com-contradeste-entre-para-er-perante-por aquele que escreve. Um texto performático, sem conceitos ou imagens, é favorável ao registro da performance - já que ao ler tem-se a possibilidade de transpor vivências próprias para imaginar. Vivências pessoais podem deslocar o texto para um outro lugar, enquanto fotos e vídeos, não tratados, localizam as pessoas no lugar exato do acontecido.

A seguir o texto de Alexandra Martins, performadora, sobre a mesma ação:

E assim agiram os corpos. Tanto os nossos corpos quanto o corpo da cidade, local de comércio e troca- troca, seja o cambio material a partir da venda de dinheiro, seja a troca material do corpo, do sexo

que pede outro sexo. O Setor Comercial Sul, local onde aconteceu a performance, cotidianamente é inundado de passantes que vão e vem à todo momento. Desloco as cenas revisitadas cotidianamente do conglomerado de pessoas que se amontoam sobre nós da mesma forma que se amontoam os meninos e meninas em situação de rua quando a pedra chega no local. É falta de vergonha na cara e fuleragem (sic) que derrama pelos espaços [...]

[...] vazios deixados entre as passadas e paisagens. Espaço- eixo, sem fundo, sem lenço e sem documento. Sem vergonha na cara e sem sapatos. Ato fuleiro, sem meios termos e academicismos. Um filme sem cortes, sem atrizes modeletes da Rede Globo, a vida como ela é: sem autor para conduzi-la. (relatos de MARTINS, 2013)

Os textos embora diferentes se complementam por dialogar sobre o mesmo fato – a performance *Pêlos Pelos*. O texto é ferramenta de personalidade. A seguir um texto-sensação de Ariel Lins, que acompanhou a ação na íntegra:

O cotidiano sempre me fascinou. As pessoas. Observar como agem, o que dizem, perceber como cada um faz de formas completamente diferentes a mais corriqueira das ações. O nu também sempre me fascinou. Quando criança, gostava era de correr sem roupas pela casa, com o corpo ao vento. Tive lembranças de quando tinha para mim a nudez como algo natural e lamentei as barreiras que permiti serem construídas entre eu e meu corpo. Pensei nas vergonhas, nos julgamentos, na insegurança, nos padrões estéticos. Em como somos livres e ao mesmo tempo, por mais involuntário que seja, sem perceber, fazemos tanta força para não o sermos. Pensei: somos corpo no mundo. E logo repreendi minha repreensão diária automática. Quis tirar minha roupa e caminhar junto com aquelas mulheres. Quis ter pelos, deixá-los a mostra, me emaranhar nos delas, ser menina que corre pelada em dias quentes. Quis ser parte da cidade, que é minha também. “Colocar o corpo no centro da discussão, ou da arte, é refletir sobre o corpo social. Assim, a performance (o performer) expõe seu corpo que passa a ser nosso corpo, numa relação que não é apenas contemplativa, mas também participativa” (FERREIRA, 2011, p. 112). Pouco a pouco eu já não sabia quem era Mariana, quem era Alexandra ou quem era eu. Apenas fui, do começo ao fim. Fui na procissão de pessoas que seguiam vidradas, fascinadas, perdidas, encontradas, chocadas. Fui como quem não queria nada e acabou querendo tudo, querendo a si mesma, querendo o mundo, sendo o mundo. Até agora não sei dizer se durou dez segundos ou a vida inteira. Não fosse a câmera fotográfica em minhas mãos - cujo filme revelei tempos depois -, não acreditaria nem que aconteceu. A imagem ficou em mim. A vertigem ficou. Vertigem essa de Milan Kundera, que não é o medo de cair, mas sim o desejo de adentrar o abismo abaixo de nós, que nos atrai e nos envolve. De mim, ficou um pedaço na ação. Talvez perdido por entre aqueles pelos. Talvez. Não sei. (Texto recebido por email LINS, 2013)

Com todas essas escritas diferenciadas podemos inferir, com Corpos Informáticos, que:

A impressão é de que cada autor tem um diferente sentimento em face do outro. Essa diferença parece insuperável na medida em que cada ser é uma individualidade, e cada individualidade está em contínua transformação. Cada indivíduo tem uma sensibilidade singular e nos proporcionará inúmeras degustações inéditas. Cada olhar é único e pode provocar uma infinidade de sentimentos: espera de compreensão, interrogação, raiva, semelhança ou diferença, partilha, (com)partilha, desperdício, desejo, satisfação. (AQUINO, MEDEIROS, 2007)

A função da escrita é também, provocar reflexões e não somente reafirmar normas a quem lê. Um texto múltiplo em entendimento pode ser visto como um convite a novas formas de (re)ver o que foi criado. É possível através destes registros presenciar três formas diferentes de vivência da performance.

A arte é por si e em si, ela se basta. Um texto se procurado, interessa. Mas um texto imposto, antes mesmo do contato com o trabalho, neutraliza e direciona o sentir, anestesia a *aisthesis*, recruta o cérebro para uma leitura. A exceção são os textos poéticos. Fazer outra arte, poesia, pra falar de arte afirma Barthes em algum lugar *ad tempura* de nossas memórias.

Heidegger (2004, 30) prossegue: “A procura ciente pode transformar-se em investigação se o que se questiona for determinado de maneira libertadora”. Interessante notar essa condição de investigação ser libertadora, isto é, não buscar nem por meios estreitos nem com fim restritos. Essa liberdade para falar de arte não seria a poesia? (MEDEIROS, 2012, p.20).

As artes não se explicam, causam sensações. O texto poético também possui esta característica e pode chegar à catarse. Escrever coletivamente é construir junto um novo corpo: o texto que nasce, no meio alquímico de palavras faladas e lidas. Há busca por um texto presente que não seja representativo nem qualitativo, mas artisticamente outro desdobramento em potencial da ação. Estratégias de escrita nos servem para tornar comuns desejos, discursos e conceitos acessíveis pela subjetividade. A grande potência da performance, enquanto linguagem da arte, é de tornar acessível conhecimento gerado por blocos de sensações (Deleuze), experiências e afetos.

Repercussão virtual

Na rua, a informação circula para além do ritmo do fluxo de pessoas, cai na Internet em tempo real, rompe fronteiras geográficas, gera reações inesperadas, modifica o fluxo usual, desviando a rotina. É preciso desviar para que haja manifestações e afetações não calculadas, guiadas mais pelo tempo da percepção do que do relógio.

A circulação na internet das imagens e impressões da performance *Pelos Pêlos*, em menos de 24 horas, estava difundida como uma praga viral, após digestão das opiniões nos apropriamos dessas palavras de desconhecidos, bem como eles de nossas imagens, e criamos uma poesia que também pelo texto relata a experiência da imagem de pessoas de diferentes lugares. A ação, enquanto não presencial, continua seu percurso pela rede. Porém, seu tempo útil na vida pode ser pouco devido aos padrões da censura virtual que limitam a disseminação da arte e de seus desdobramentos pela internet. O texto, os relatos e a poesia servem como fonte de (re)existência na rede a partir do momento em que as censuras usuais perseguem fortemente as imagens, mas deixam brechas para a escrita que, ao subverter as próprias estruturas rígidas que lhe são inerentes, ampliam o espaço para a inserção em outros: reais e virtuais, não necessariamente exclusivos para a arte.

Com as palavras através das sensações geradas pelas imagens presentes nos comentários, um outro texto sobre a performance foi construído, somente reordenando os comentários a quatro mãos (Brites e Martins). Esse texto de escrita coletiva involuntária ou não-avisada possui autoria compartilhada entre pessoas de vários locais misturadas pelas notícias da rede:

Black-ceta

As pererecas piram!

SETOR COMERCIAL SUL e suas coisas esquisitas de sempre,
WTF?

TINHA QUE SER NO SETOR COMERCIAL!... Alguns dizem que é
protesto...

MAS PROTESTO DE QUÊ MEU DEUS?!?! NÃO!

Nossa isso é verdade? NÃO!

É uma caranguejeira???? Bin Laden é você? NÃO!

Parente da rapunzel essa aí??? NÃO!

Oooooooooooooooooooooooooo tah porra

NÃO!

Isso é falta de homem... Mulher que tem homem é limpinha...

NÃO!

Mano, Se for doar Presto Barba para essa moça depilar ia ter que gastar muito viu!

Rapa mulher com gilete azul, rapa as pernas, a suvaca e os cabelos do cu!

CARAAAAAAAALEEEEEEOOOOO!!!!!!!!!!!!!! Essa moça tem um pênis ou eu tô viajando?

kkkkkkkkkkkkkk; x que isso novinha ! Que capeta é esse?
kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk ECAAAA! kkkkkkkkk
kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk

Sempre somos surpreendidos... Tremendo mal gosto, deve ter piolho

Chato Tuim Chatuim

Nossa senhora das PERIQUITAS

acode essa mulher com um CORTADOR DE GRAMA!

Imaginem a carniça após o uso da privada do marido dela que sofre pra *axar* o trem lá, lá embaixo

abaixo da depilação, abaixo da Gillette abaixo do Presto Barba

e abaixo do corte asa delta! Pode fechar a internet, tchau!

Espero que nem salve essa gente que diz: NOJO!

NÃO! ECAAAA!

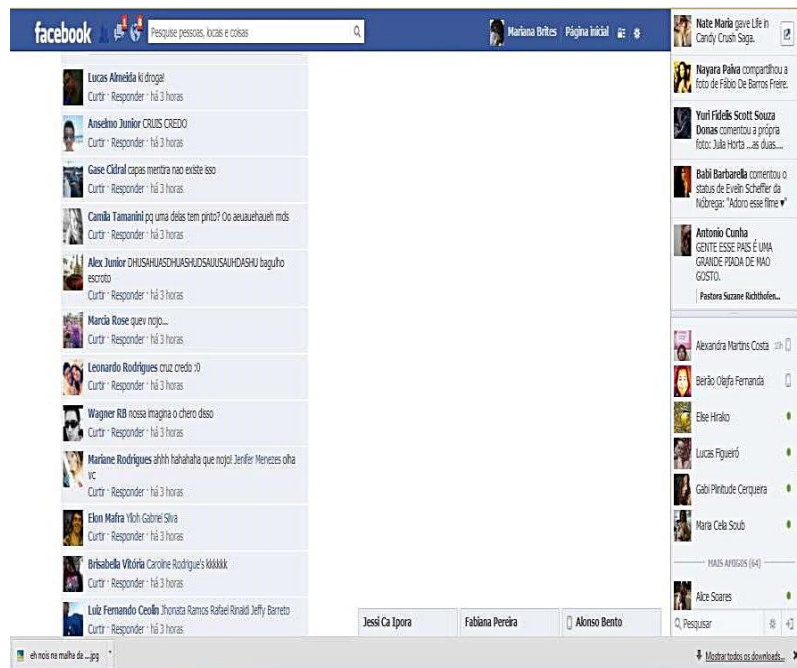
Só um aviso: NOÇÃO MANDOU LEMBRANÇA Cabulosas cabeludas.

A prova *tá ae* depilar é *pras* fracas!

São relatos em performance, textos de pessoas veiculados sobre a ação artística ou imagens vistas em postagem de blogs, redes sociais e sites em geral. Essa escrita que comenta pode ser registro ao entendê-la como potência do afeto que a performance gerou.

Vale ressaltar que essa poesia foi livremente inspirada em Tribunal de Feicebuqui, música de Tom Zé, 2013. A música é escrita como forma de resposta artística às críticas que o artista sofreu virtualmente por uma propaganda que fez. Em ambos os casos um exemplo de apropriação de palavras e construção de uma nova obra, e a palavra sintetizando os acontecimentos e sensações.

Nos comentários feitos pela internet, o teor agressivo das mensagens é bem maior do que os presenciados no lugar da ação. A internet mascara, com *login* e senha, as pessoas. É difícil acompanhar a quem chega essa informação e como é cuidada. É possível achar, de surpresa na rede, a imagem da performance em contextos totalmente alterados a sua criação, daí percebe-se que torna-se viral, não tem nome, surgiu coisa-doida, burburinho. As redes são ampliadas. A seguir amostra de comentários encontrados na rede:



Na imagem acima, um *print screen* em qualidade baixa, retirado do *facebook* da página *Bizarrices*, em que foi compartilhada a foto da performance, no mês de abril de 2013. Explícitos comentários de reprovação e escárnio suscitaram também vários debates sobre o direito de ocupar o espaço da rua.

Fotos e vídeo de *Pelos Pêlos*, embora tenham sido censuradas em várias plataformas como *facebook*, *youtube* e *vimeo*, ainda resistem na rede nos seguintes endereços: <http://vimeo.com/65972905> e <http://performancecorporpolitica.tumblr.com/>



Pelos Pêlos. Foto: LFBarcellos. Galeria (vitrine) da Casa de Cultura da América Latina, Brasília, 2013.



Pelos Pêlos. Foto: LFBarcellos. Setor Comercial Sul, Brasília, 2013.



Pelos Pêlos. Foto: LFBarcellos. Em frente ao Setor Comercial Sul, Brasília, 2013.

Quem determina o fim?

A performance não é ficção nem representação. Ela não apresenta, ela apresenta, presentifica, dança, lança dados e torna presente o acaso. A arte pode ser ficção. A performance à qual nos referimos não é ficção: ela joga na cara o real irreduzível a representações. Daí resulta a dificuldade de transformar em linguagem aquilo que é gás: puro movimento que não senta, não se acentua nem pode ser sossegado. (BRITES e MEDEIROS, 2014, p. 1)

O corpo que resiste, alaga e vaza registros, memórias. Os textos são extensões do já em nós: performadoras, espectadores, iteradores, passantes. Transbordante troca-troca de vivências. In-concluimos com outro embutido de letras sobre o vivido:

Pelos pêlos passeio por pássaros

Para perguntar: para quê ‘proibir’?

Posso perceber pequenas psiques piscantes provando puro pelo.

Peluda possibilidade precívél, pura pesquisa.

Peito, pêlos, partes... Perceba pelos panfletos: produzem pseudo-problemas...

Pelos próprios pêlos passei paquerando pedaços picantes.

Penetram peles, pinçam percepções.

Poder para paz plena.

Procrio pêlos perenemente.

Permanentemente peluda, possivelmente pelada.

A poesia como possibilidade de registro para performance produz textos sinestésicos, um convite à imaginação dos que lerão. A ausência de imagens em um texto-registro evoca a criação de um novo acontecimento na imaginação de cada um. Os fatos contados serão recontados pela vivência e entendimento de mundo em cada corpo. A ação também dura o tempo da memória, do vestígio, do burburinho, da contação de caso. A poesia e a experiência *as significam* a duração do fato: ampliando-o.

Inspiradas palavras funcionam como memória da ação. Registrar arte também pode ser arte, rastro da ação. Um texto que (não) se disponha a dobras, possibilidades que restringem a possibilidade total de diálogo e prazer que a pessoa possa ter a partir do texto – tanto a(s) que le(em), quanto a(s) que escreve(m).

A poesia é uma facilitadora de voos, bem como outros meios de registro, porém acessa outros sentidos e sensibilidades. Faz uma curva que pode se seguir de olhos fechados.

Referências

BARROS, Manoel. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo, Perspectiva, 2006.

BRITES, Mariana. *Multigrafia: rabiscos a bordo*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Cênicas) – Departamento de Artes Cênicas, Instituto de Artes da Universidade de Brasília, Brasília, UnB, 2013.

BRITES, M. e MEDEIROS, M.B. Dance: o lance do dado. Uma pesquisa em arte e em escrita. Revista *Artefactum*, 2014, no 1.
<http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/249>

COHEN, Renato. *Performance como linguagem: criação de um tempo-espço de experimentação*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

LINS, Ariel. Relato pessoal sobre a performance *Pelos Pêlos* [e-mail]. Brasília, 2013.

MARTINS, Alexandra. Análise crítica da performance *Pelos Pêlos* em diálogo com o livro *Performance, Corpo e Política* [e-mail]. Brasília, 2013.

MEDEIROS, Maria; Beatriz, AQUINO, Fernando (Org.). *Corpos informáticos: Performance, corpo, política*. Brasília : PPG-Arte/UnB, 2011

Maria Beatriz de Medeiros

Graduação em Educação Artística, PUC-RJ, mestrado em Estética e doutorado em Arte e Ciências da Arte, Université de Paris I, pós-doutorado em Filosofia no Collège International de Philosophie, Paris. Atualmente é professora associado 4 da Universidade de Brasília. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos. Pesquisadora 1C do CNPq (2008-2011 e 2011-2015). Presidente da ANPAP (2003-2005).

Mariana Brites

Graduação em Artes Cênicas, pela Universidade de Brasília, pesquisadora do Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos desde 2010.

ⁱ Evento *Performance, Corpo, Política*, organização Corpos Informáticos, 2013. Financiamento FUNARTE. WWW.performancecorporpolitica.net